

O caráter intercultural da educação: fundamentos de uma filosofia inclusiva em tempo de (des) colonização

Manuel João Mungulume

Como citar: MUNGULUME, Manuel João. O caráter intercultural da educação: fundamentos de uma filosofia inclusiva em tempo de (des)colonização. *In*: CARVALHO, Alonso Bezerra de (org.). **Educação, ética e decolonialidade: contribuições para a formação de professores e a prática docente**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 351-369. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-465-3.p351-369>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Capítulo 16

O caráter intercultural da educação: fundamentos de uma filosofia inclusiva em tempo de (des) colonização

Manuel João Mungulume⁷²

A educação não pode contentar-se em reunir as pessoas, fazendo-as aderir a valores comuns forjados no passado. Deve, também, responder à questão: viver juntos, com que finalidades, para fazer o quê? e dar a cada um, ao longo de toda a vida, a capacidade de participar, ativamente, num projeto de sociedade. (Jacques Delors, 1998, p. 60).

Introdução

A importância da interculturalidade é indiscutível para o desenvolvimento de relações interpessoais. A troca de experiências culturais contribui para um bom desempenho de um professor e amplia a visão e conexão na forma de lidar com o mundo, em especial

⁷² Graduado em Filosofia. Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Campus de Marília - manuel.mungulume@unesp.br

<https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-465-3.p351-369>

com a sala de aula. Ainda assim, o caráter intercultural na educação tem enfrentando desafios e resistência para a sua consolidação como categoria ou estratégia que une as epistemologias. No entanto, o caráter intercultural na educação se configura como uma estratégia eficaz no exercício da emancipação, e também na promoção da solidariedade.

A educação intercultural não deve ser vista como simples lema do nosso tempo, mais do que isso, deve ser uma categoria que fundamenta os espaços educativos, permeando a formação humana nas práticas pedagógicas, pois, vivemos numa época propícia para que a educação intercultural possa perpassar em todos os espaços educativos.

Assim, o diálogo intercultural é uma necessidade e desafio da escola, da faculdade e da sociedade em geral. Precisamos urgentemente ultrapassar as filosofias dominantes e imperialistas, que se colocam como superiores e protagonistas da ação civilizatória. Precisamos adotar uma didática intercultural na nossa comunicação e na nossa forma de fazer pesquisa.

A filosofia intercultural trata-se de um debate ético crucial, pois constitui a base de uma sociedade democrática, solidária e justa. Portanto, o domínio didático e pedagógico deve compreender o valor da pluralidade, e ser capaz de adotar um enfoque intercultural como metodologia para lidar com as distintas percepções da criação que as sociedades construíram ao longo dos tempos.

A filosofia intercultural almeja alcançar os objetivos fundamentais como: a construção da paz, da segurança e do desenvolvimento sustentável entre povos ou culturas, uma vez que, esse diálogo contribui de maneiras significativas no combate a discriminação, exclusão e promove a cultura multi-pluralista e

democrático. Assim, esta contribuição tem como meta principal de caracterizar a dimensão intercultural como categoria pedagógica que deve assumir na sala de aula a construção de conhecimentos apoiados em princípios de solidariedade, do respeito às diversidades, que estão incorporados na complexidade da vida.

Vivemos um momento propício para instigar na educação uma proposta pedagógica que objetive vencer barreiras de rotinas tradicionais, cedendo uma nova perspectiva pedagógica que nos incorpore e que implica na renovação efetiva de conhecimento que caracteriza o respeito pela diversidade e pela dignidade humana. O debate intercultural é uma dimensão pedagógica que nos coloca em constante reflexão sobre a prática de formação docente, e sobretudo almeja oferecer um saber democrático, diversificado adotando desta forma, uma formação integral e emancipatória das virtudes humanas. Nesse sentido a proposta de uma filosofia de educação intercultural se configura como uma categoria de amparo de culturas conectando-as. Com este artigo, espera-se contribuir com reflexões e questionamentos de uma educação que abre espaço para a diversidade. Assim, a educação intercultural se torna como um contributo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social na esfera acadêmica.

Fundamentos da educação intercultural: por uma ética do diálogo entre - culturas

Um dos grandes fundamentos da filosofia intercultural é a multiplicidade de significados que possui na busca pela confluência entre os povos. Isto significa que a categoria intercultural é uma busca por estratégias pedagógicas que pautam pela unidade, pluralidade e

multiplicidade. Desta feita a interculturalidade é um construto contra todas as formas de fragmentação e propõe elementos englobantes. Essa ideia é compartilhada por Vieira (2011), ao afirmar que,

a educação intercultural é uma maneira de encarar a educação nos contextos multiculturais em que se tornam cada vez mais as nossas escolas. Esta educação requer a reciprocidade e o diálogo entre as culturas e, nas nossas escolas, deve-se entender que há tantas culturas como alunos, isto é, a educação intercultural dirige-se a todos os alunos, na medida em que é uma forma de luta contra a exclusão escolar e, por conseguinte, social. A educação intercultural visa uma convivência harmoniosa, justa e solidária entre os cidadãos e como tal a Escola tem um papel fundamental nesse desafio. Educar para a interculturalidade é ensinar a viver juntos. (Vieira, 2011, p. 8).

A interculturalidade procura traçar uma linha coerente de exaltação específica de cada cultura, isto é, cada cultura encontra consigo mesma a sua identidade e significado de existência. As práticas pedagógicas são uma das formas que conecta as culturas e a produção acadêmica se configura como um contributo sólido e capaz de estabelecer as ações afirmativas e seus efeitos; as políticas públicas em torno de questões de unir as diversidades no cotidiano escolar e acadêmico.

Portanto, na ótica da Vera Candau (2013), a Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza, uma vez que promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos — individuais e coletivos, troca de saberes de diversas perspectivas da afirmação da justiça — social como uma construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização de espaço acadêmicos, tudo isso, através de políticas que articulam direitos da

igualdade e da diferença. Portanto, este tipo de educação é que torna sujeito consciente do seu etnocentrismo para a abertura do diálogo intercultural, tal abertura deve ser mediada dentro da(s) sua(s) própria(s) cultura(s) e dentro da(s) cultura(s), isto é, do contexto social do sujeito. Trata-se de uma prática pedagógica que objetiva tornar os seus alunos cidadãos conscientes, responsáveis, livres de preconceitos e estereótipos repleto na sociedade onde estamos inseridos. Portanto, essa prática pedagógica, oferece a oportunidade de fazer algumas experiências com o pouco conhecimento que temos nessa área, contudo, constitui um grande desafio consolidar a formação de docentes no âmbito da educação intercultural.

Segundo Vieira (2011), a educação deve estar aberta ao mundo e às outras culturas. Nas suas palavras, o autor afirma que,

Se fosse fiel a estas finalidades, facilitaria a comunicação entre as diferentes culturas. Mas, na prática, a educação é essencialmente monocultural o que constitui uma contradição fundamental entre o discurso sobre a educação e a prática desta. (Vieira, 2011, p. 9).

Tal reflexão nos remete a questionar sobre questões essenciais e atuais, da contribuição da educação como instrumento de emancipação da cultura de paz e harmonia entre culturas e povos. Assim, Candau (2011), nos mostra, porém, que embora os direitos humanos tenham surgido como um marco da modernidade, hoje eles precisam se adaptar a questões muito mais plurais, rompendo com a ideia de igualdade como negação das diferenças.

Aqui entende-se de forma categórica de que a educação deve ser um instrumento de enfrentamento da diversidade descritas como o ideal na e para a articulação entre igualdade e diferença, por meio

de uma perspectiva intercultural. Segundo a educação deve se remeter ao multiculturalismo crítico que enfatiza a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas, isto significa que a educação deve ser estabelecida, consolidada e favorecida com a dignidade humana. Nessa proposta ética e filosófica, estamos entendendo a interculturalidade como elemento de articulação e aproximação da proposta de educação decolonial no sentido de problematizar uma educação exclusivista e imperialista e sucumbe às outras epistemologias tidas pelo ocidente como não legítimas. Os pontos que convergem entre a educação intercultural e decolonial são evidenciados como paralelo com as propostas da educação para os direitos humanos. Tal educação joga esforço para a alteridade e o empoderamento e valoriza a importância do diálogo.

Em conformidade com a ideia de Candau (2016), a interculturalidade seria um meio de superar a modernidade inerente à proposta dos direitos humanos, uma vez que a modernidade está fortemente ligada ao colonialismo e à colonialidade. Portanto, essas categorias imperialistas, seriam, sem dúvidas, o padrão de poder resultante do colonialismo, que temos até hoje, permeando toda uma forma de pensar e organizar o mundo e os projetos da dominação.

Para Candau, (2016, p. 190), fica evidente que é necessário estabelecer novos padrões epistêmicos para ir além dos dualismos modernos, que permitem apenas exclusão ou assimilação. Chega-se assim a um acervo considerável de noções que guiarão novas formas de convivência ética e social. Assim, a autora descreve:

a colonialidade é a outra cara da modernidade, duas faces da mesma moeda afirmam os autores e autoras identificados como do Grupo Colonialidade-Modernidade-Decolonialidade. Para estes autores/as a modernidade não poderia existir sem a

colonialidade, sem a conquista da América, “da África ou da nossa identidade”, o genocídio, o etnocídio, o extrativismo e a exploração de suas riquezas. Sendo assim, a modernidade se inicia com a América, dando lugar à configuração de um novo padrão de poder global. (Candau, 2016, p. 190)

Enquanto que Walsh (2007), enquadra a interculturalidade num contexto que nos configura como uma marca histórica que tenha como o foco principal de uma educação descolonizadora e intercultural é precisamente enfrentar, desconstruir e transformar esse núcleo das relações coloniais. Tornando a interculturalidade como uma categoria crítica. (Walsh, 2007, p. 8). Nesse sentido, concordamos com Walsh, quando define o conceito de interculturalidade como central à (re)construção de um pensamento crítico. Nas palavras da autora:

um pensamento crítico de/a partir de outro modo —, precisamente por três razões principais: primeiro porque está vivido e pensado desde a experiência vivida da colonialidade [...]; segundo, porque reflete um pensamento não baseado nos legados eurocêntricos ou da Modernidade e, em terceiro, porque tem sua origem no sul, dando assim uma volta à geopolítica dominante do conhecimento que tem tido seu centro no norte global. (Walsh, 2007, p. 25).

A educação deve ser um constante instrumento que deva permitir diálogos éticos, políticos e sociais, e assim, contribuir para o progresso da sociedade em que se insere o elemento englobante entre culturas ou povos. Isto significa que a educação deve também cultivar o espírito amplo de diversidades.

Educação intercultural como Políticas de formação inclusiva

Definimos a educação intercultural como um compromisso ético com o mundo e com o outro. Assim, compreender o mundo implica implicitamente em compreender o outro. Vivemos numa comunidade inter-relacional, por isso que estamos incumbidos de desenvolver uma relação de solidariedade e de acolhimento. Essas categorias devem ser adotadas na formação e na prática pedagógicas como pressupostos essenciais de preparar sujeitos capazes de conviverem juntos mesmo na diferença.

Uma educação que transforma, não só do ponto de vista epistemológico, mas também na relação ética e moral entre sujeitos de raça ou cultura diferente. A interdependência ou a interconexão proposta nesse debate pressupõe um ato prático e real, o que corresponde a uma das tarefas essenciais da educação inclusiva e humanista. Por isso, mais do que nunca devemos preparar indivíduos capazes de compreender a si mesmo e ao outro, através de uma melhor cosmovisão do mundo.

Neste sentido, para Delors (1998), a educação deve, pois, procurar tornar o indivíduo mais consciente de suas raízes, a fim de dispor de referências que lhe permitam situar-se no mundo, e deve ensinar-lhe o respeito pelas outras culturas. Ainda Delors enfatiza que a educação deve levar aos sujeitos ao reconhecimento de que,

os grupos humanos, povos, nações, continentes, não são todos iguais”, por isso mesmo, “obriga-nos a olhar para além da experiência imediata, a aceitar e reconhecer a diferença, e a descobrir que os outros povos têm uma história, também ela, rica e instrutiva. O conhecimento das outras culturas torna-nos, pois, conscientes da singularidade da nossa própria cultura, mas

também da existência de um patrimônio comum ao conjunto da humanidade. (Delors, 1998, p. 48).

O diálogo intercultural tem um ponto determinante, que é de construir convivência coletiva, pacífica e digna. Dada esse prisma de interpretação, a interculturalidade na esfera educacional, cumpre a sua tarefa de contrariar o discurso de superioridade entre pessoas, raças, ou cultura, e toma o rumo de reconhecimento e de identidade de todos os povos, independentemente da sua condição ou estrutura social.

Portanto, o caráter da educação intercultural tem como um dos seus objetivos principal de auto-identidade dos povos tidos como periféricas, isto é, tal modelo educacional reveste de fundamentos importantes de reconhecimentos e levar para a visibilidade da cultura encobertas pela cultura eurocêntrica, o que Dussel denominou de encobrimento do outro através de uma justificativa moderna emancipadora e racional. Sendo assim, é de suma importância destacar que na ótica de Dussel, se trata de um mito irracional para justificar a violência, pois promove um discurso unilateral, parcial e falsa, ele propõe que devemos superar e negar tal discurso. (Dussel, 1993).

Para Fanon (1995), o nacionalismo, se não é explicitado, enriquecido e aprofundado, se não se transforma muito rapidamente em consciência política e social, conduz a um impasse de internacionalismo revolucionário. Na concepção de Fanon, para gerar um espírito humanista devemos nos posicionar como uma sociedade anti-imperialista, anticolonialista, antipatriarcal e anti-supremacista. Só assim, pode gerar-se um novo humanismo que valorize as necessidades psíquicas, sociais e políticas dos povos pobres

e trabalhadores — uma solidariedade e universalidade a partir de baixo. (Fanon, 2021, p. 360). Assim, a educação intercultural serve como um instrumento para a exortação e exaltação do sentimento de cooperação entre os povos. Trata-se de uma ética para o combate da cultura de superioridade de povos específicos ou especiais ou ainda exclusivistas.

Articulação entre a Educação intercultural e (de) colonial como método para uma formação humanista e emancipatória

A educação intercultural e decolonial são duas categorias que buscam uma formação englobante e inclusiva. Assim, para Candau (2011), um dos objetivos da educação popular ou decolonial é a busca pela humanização, trazendo a possibilidade de ser um sujeito de história, de cultura e – neste contexto – de direito. Portanto, a educação intercultural promove o espírito de identidade e de solidariedade ético e existencial. É importante justificar e enfatizar que a interculturalidade não se trata de um processo ou projeto étnico, mas sim como um projeto de existência.⁷³

Uma das grandes relevâncias da integração de uma educação intercultural reside no fato deste modelo ser multicultural e se refere a vários modelos educativos orientados para uma sociedade que se caracteriza pela existência de vários grupos culturais. As abordagens interculturais preconizam o respeito pela diferença e também contém forte consenso internacional em torno da sua emergência e

⁷³ Aqui, estamos entendendo a Educação como um fator determinante na promoção da cidadania e na criação de uma consciência social sobre o papel das mulheres no desenvolvimento das sociedades, devendo potenciar a sua participação. É de igual forma fundamental enquanto fator de sensibilização sobre a situação de violência contra as mulheres nos mais diversos cenários, incluindo os de conflito e reconstrução. (Ipad, 2008, p. 6).

importância nas esferas acadêmicas e formativas. Dessa forma, a educação intercultural é uma dimensão ética que promove a estabilidade e a paz internacional no contexto da globalização democrática.

Segundo Delors (2011), poderemos compreender a crescente complexidade dos fenômenos mundiais, e dominar o sentimento de incerteza que suscita a crise do humanismo, e assim, a educação intercultural pode desempenhar uma função relevante, no sentido de equipar o sujeito com conjunto de conhecimento que potencializa o sentido crítico perante o fluxo de informações. Assim,

A educação manifesta aqui, mais do que nunca, o seu caráter insubstituível na formação da capacidade de julgar. Facilita uma compreensão verdadeira dos acontecimentos, para lá da visão simplificadora ou deformada transmitida, muitas vezes, pelos meios de comunicação social, e o ideal seria que ajudasse cada um a tornar-se cidadão deste mundo turbulento e em mudança, que nasce cada dia perante nossos olhos. (Delors, 1998, p. 47).

Ainda para Delors (1998), essa compreensão passa, evidentemente, pela compreensão das relações que ligam o ser humano ao seu meio ambiente. Não se trata de acrescentar uma nova disciplina a programas escolares já sobrecarregados, mas de reorganizar os ensinamentos de acordo com uma visão de conjunto dos laços que unem homens e mulheres ao meio ambiente, recorrendo às ciências da natureza e às ciências sociais. Esta formação poderia, igualmente, ser posta ao dispor de todos os cidadãos, na perspectiva de uma educação que se estenda ao longo de toda a vida. (Delors, 1998, p. 47-48).

Neste sentido, a educação intercultural pode ser uma exigência de uma solidariedade entre cultura ou povos. Trata-se de uma compreensão dos outros e para os outros, baseada no respeito pela diversidade.

A educação intercultural é uma dimensão ética que afirma e reafirma a não diferença entre alunos, descobrir os fundamentos da sua cultura, reforçar a solidariedade do grupo, podem constituir para qualquer pessoa, passos positivos e libertadores; mas, quando mal compreendido, este tipo de reivindicação contribui, igualmente, para tornar difíceis e até mesmo impossíveis, o encontro e o diálogo com o outro. Neste sentido, a educação é um elo que promove e proporciona o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo crítico, livre e humanista no sentido de troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva. Portanto, a educação intercultural nas práticas pedagógicas, nada mais do que uma aquisição de valores e atitudes autônomas, visando a formação de cidadãos civicamente empáticos, solidários e democraticamente intervenientes na vida comunitária e social.⁷⁴

⁷⁴ O caráter intercultural da educação, trata-se de uma proposta importante para a construção das democracias nas sociedades multiculturais, uma vez que, evidencia as propostas de uma educação centrada na diferença e na pluralidade cultural e não para os que são culturalmente diferentes. As abordagens interculturais contemplam os jovens, idosos, imigrantes de várias origens e culturas, etc. são seres humanos, pessoas com as quais se constroem as sociedades. Evidencia-se, também, a ideia de que se opõe a integração entendida como assimilação, à educação de compensação. (Vieira, 2011, p. 10).

Desafios de uma educação intercultural: diálogos entre a teoria e prática

A escola é por natureza um espaço de relações interpessoais e de convivências mútua entre diferentes sujeitos de diversos contextos históricos e culturais. Assim, a escola é um espaço onde melhor uma sociedade pode intervir de forma reflexiva em busca de princípios de justiça e harmonia social. A prática da pedagogia intercultural nas escolas, trata-se de uma categoria que estimula e assegura o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e promove uma interação pacífica e harmônica entre indivíduos, promovendo e emancipando a valorização dos diferentes saberes e culturas.

O grande desafio da educação intercultural é fomentar a consciência ética e aberta à realidade concreta do outro, numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação. Em segundo lugar, a educação intercultural deve também proporcionar aos alunos uma experiência que favoreça uma convivência mútua e afetiva no sentido de que o outro é parte e complemento do meu desenvolvimento. Portanto, através de uma pedagogia intercultural, a escola se torna em uma instância de inclusão. Como afirma Delors, a escola pode e deve ser criadora de,

condições para a prática cotidiana da tolerância, ajudando os alunos a levar em consideração os pontos de vista dos outros e estimulando, por exemplo, a discussão de dilemas morais ou de casos que impliquem opções éticas. (Delors, 1998, p. 58).

Assim, a pedagogia intercultural se torna sinônima de uma educação para a tolerância e para o respeito do outro, que são pressupostos e condição *sine qua non* para o estabelecimento de uma

democracia sólida e efetiva. Portanto, a ética intercultural é formadora de atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano de convivência, de reconhecimento ou de aceitação entre sujeitos. Assim, a tarefa permanente da educação intercultural é de instigar valores de tolerância e de humanismo na esfera social, cultural e política. É importante enfatizar que a pedagogia intercultural se situa na perspectiva de uma transformação estrutural, sócio histórica e política, pois o caráter da educação não deve se limitar ao simples debate de transmitir um mero conhecimento. Como afirma Delors,

A educação não pode contentar-se em reunir as pessoas, fazendo-as aderir a valores comuns forjados no passado. Deve, também, responder à questão: viver juntos, com que finalidades, para fazer o quê? e dar a cada um, ao longo de toda a vida, a capacidade de participar, ativamente, num projeto de sociedade. (Delors, 1998, p. 60).

Neste sentido, é importante que a nossa prática de formação tenha a consciência mediadora, no sentido de tornar a prática formativa para além da didática. Isso significa que todo o processo de ensino e aprendizagem, para ser adequadamente compreendido, precisa ser analisada de tal modo que articule consistentemente as dimensões humana, técnica e político-social. (Candau, 2012, p. 14). Portanto, outra categoria que dialoga com a pedagogia intercultural é a formação para a cidadania, que consiste na preparação para uma participação ativa da vida do cidadão tornou-se para a educação uma missão de caráter geral, uma vez que os princípios democráticos se expandiram pelo mundo. Podemos distinguir, a este propósito, vários

níveis de intervenção que, numa democracia moderna, se deveriam completar mutuamente.⁷⁵

A pedagogia intercultural ou a ética intercultural pode ser concebida como um conjunto de práticas pedagógicas já experimentadas que pode reforçar as aprendizagens do saber ético e democrático na cultura escolar. Neste sentido, para Delors (1998), a escola é um espaço de,

elaboração de regulamentos da comunidade escolar, criação de parlamentos de alunos, jogos de simulação do funcionamento de instituições democráticas, jornais de escola, exercícios de resolução não-violenta de conflitos. Por outro lado, sendo a educação para a cidadania e democracia, por excelência, uma educação que não se limita ao espaço e tempo da educação formal, é preciso implicar diretamente nela as famílias e os outros membros da comunidade. (Delors, 1998, p. 60-61).

Desta forma, a ética intercultural é um vetor de intervenção consciente e responsável na realidade circundante na medida que permeia toda a ação escolar, cívica e na promoção da cidadania. Portanto, a educação não pode contentar-se em reunir as pessoas, fazendo-as aderir a valores comuns forjados na indiferença, muito pelo contrário, a educação deve combater todas as formas de exclusão,

⁷⁵ Segundo, Delors (1998), o papel social da escola é de assumir a responsabilidade da aprendizagem e da instrução cívica concebida como uma “alfabetização política” elementar. Mas, mais ainda do que no caso da tolerância, esta instrução não poderá ser, apenas, uma simples matéria de ensino entre outras. Não se trata, com efeito, de ensinar preceitos ou códigos rígidos, acabando por cair na doutrinação, mas sim, trata-se, de fazer da escola um modelo de prática democrática que leve as crianças a compreender, a partir de problemas concretos, quais são os seus direitos e deveres, e como o exercício da sua liberdade é limitado pelo exercício dos direitos e da liberdade dos outros. (Delors, 1998, p. 60).

de isolamento e de indiferença, e aderindo desta forma valores de autenticidade de justiça social. Desse modo, para Candau (2010),

a interculturalidade como um projeto epistêmico e político. A interculturalidade tem um significado intimamente ligado com a construção social, cultural, educativo, político, ético e epistemológico para a de - colonialidade e a transformação. É um enfoque prática importante para a convivência coletiva, especialmente para os indígenas e afrodescendentes, que a colonialidade do poder, do saber, do ser e da natureza permeia a maneira de existência e da convivência social e coletiva. (Candau, 2010, p. 11)

Ainda para Candau (2010, p. 12), a interculturalidade não só é compreendida como um conceito ou um termo novo para se referir ao contato entre outras civilizações, mas como uma configuração que propõe um giro epistêmico capaz de produzir novas compreensões simbólicas do mundo. A interculturalidade deve ser entendida na perspectiva que representa um novo espaço epistemológico que inclui os conhecimentos subalternizados e os ocidentais, em uma relação tensa, e mais igualitária. A pedagogia intercultural deve ser uma metodologia que cultiva uma cultura de sensibilidade nas escolas, com foco na valorização do ser humano, independentemente do seu credo, tribo ou religião. A interculturalidade deve enfatizar a lógica de uma boa convivência, transmitindo a ideia de emancipação, reconhecimento, humanismo e a dignidade humana, ou seja, as diferenças não podem nos levar à hostilidade. Portanto, a interculturalidade deve estar ligada com a construção de um projeto social, cultural, educativo, político, ético e epistemológico voltado

para a transformação das relações interpessoais baseadas nos princípios de respeito mútuo e pela dignidade humana.

Considerações finais

A pedagogia intercultural transmite a ideia de viver juntos, com a finalidade de promover harmonia, justiça social entre sujeitos. O caráter intercultural nas escolas pode ser uma estratégia pedagógica que possibilita desenvolver a capacidade de empatia e estabelecer relações de uma boa convivência. A pedagogia intercultural é um projeto de sociedade sustentável e tolerante. Vivemos numa era propícia em que o sistema educativo tem de assumir e articular as políticas de uma educação intercultural e inclusiva como metodologias que visam promover o espírito de formação ampla e diversificada. Nesse sentido a pedagogia intercultural se destaca com o seu discurso amplo, democrático, e que exige firmeza de caráter, vontade de aprender e ação reflexiva para reconhecer “lições diárias de outros povos ou culturas” que se somam no decorrer de uma formação ética e humanista.

A cultura da escola deve por sua natureza ou pela sua função social, visualizar os processos educativos ou formativos como construção de conhecimentos que contemple os valores e Interculturais destacando dessa forma, a ampliação dos projetos comunitários como parte integrante de formação de sujeitos éticos e ativos nas esferas sociais. A missão educativa explícita ou implícita é formar para uma convivência mútua, e a escola é um espaço adequado e propício para preparar ou formar cada sujeito para exercer essa função social de cooperação e assumir as suas responsabilidades em relação aos outros.

Os fundamentos da educação intercultural devem ir além de um mero conteúdo integrados, devem contribuir com a consolidação e o fortalecimento da identidade cultural na formação de indivíduos, pois a sua integração deve alcançar o ser identitário das nações, povos, cultura e tribos. Desse modo, a pedagogia intercultural se configura como uma prática crítica e descolonizadora dos projetos imperialistas e exclusivistas.

A interculturalidade como estratégia pedagógica, potencializa a interação entre subjetividades, e enaltece o espírito humanista. Por fim, estamos entendendo o caráter intercultural nas práticas pedagógicas como ações políticas de uma educação plural, democrática e emancipatória, pois trata-se de uma prática que inclui o espaço da sala de aula o uso de memórias cotidianas favorece a preservação das identidades que se formam no convívio, nos diferentes grupos sociais.

Referências

CANDAU, Vera. **Reinventar a escola**. 3ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

CANDAU, Vera. (Org.). **Diferenças culturais e Educação: construindo caminhos**. Rio de Janeiro: Letras, 2011, 212p.

CANDAU, Vera. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica**. Puc-Rio de De Janeiro, 2013.

CANDAU, Vera. **Interculturalizar, Decolonizar, Democratizar: uma educação “outra”**. 1ed. GECEC, 2016.

DELORS, Jacques. **Educação:** um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Editora CORTEZ, Rio de Janeiro, 1998.

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro:** a origem do mito da modernidade- conferencias de Frankfurt. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1993.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1995.

VIEIRA, Flora Conceição Queirós Rodrigues. **A Educação Intercultural:** um contributo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do aluno. (Dissertação - Mestrado em Ensino de Português 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário) - Universidade da Beira Interior - Artes e Letras. Covilhã, 2011.

IPAD. **Estratégia da cooperação portuguesa para a educação.** Instituto Camões, Lisboa, 2008. Disponível em: Microsoft Word - Estrat\351gia Educa\347\343o Maio 2011.doc instituto-camoes.pt. Acesso em: 23 ago. de 2023.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e educação intercultural.** 2007.